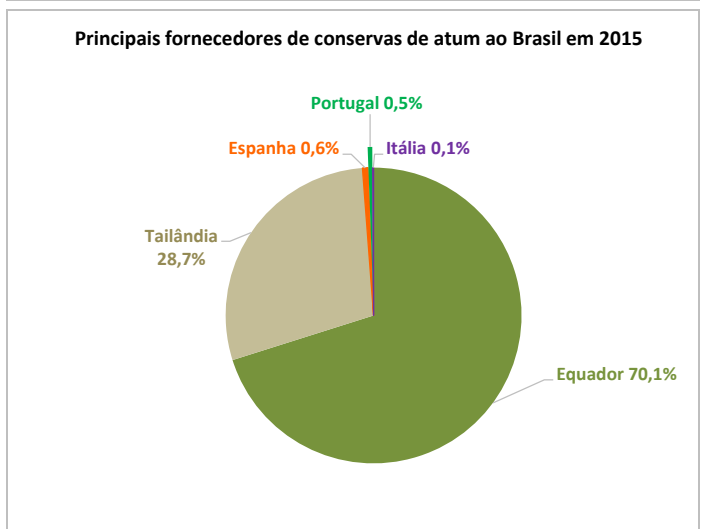
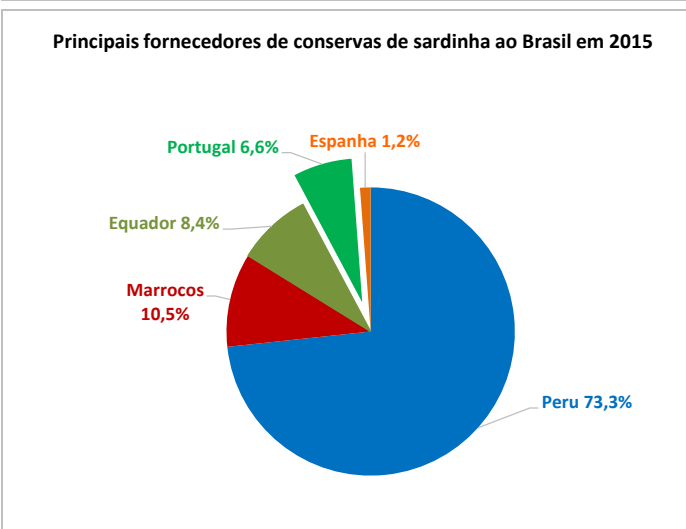
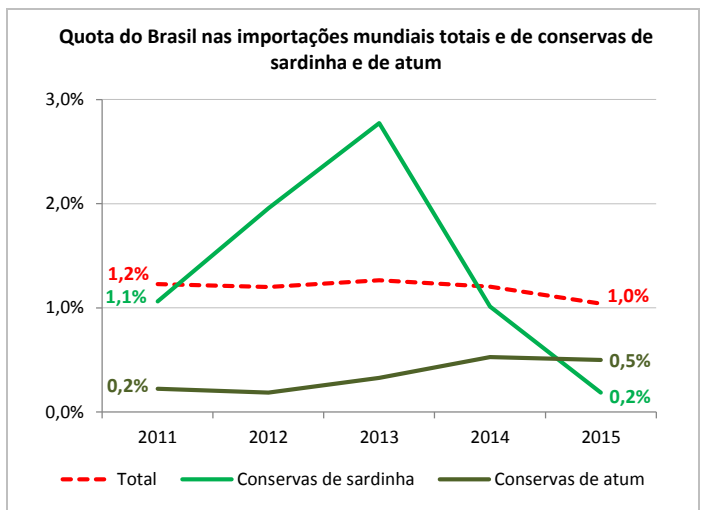
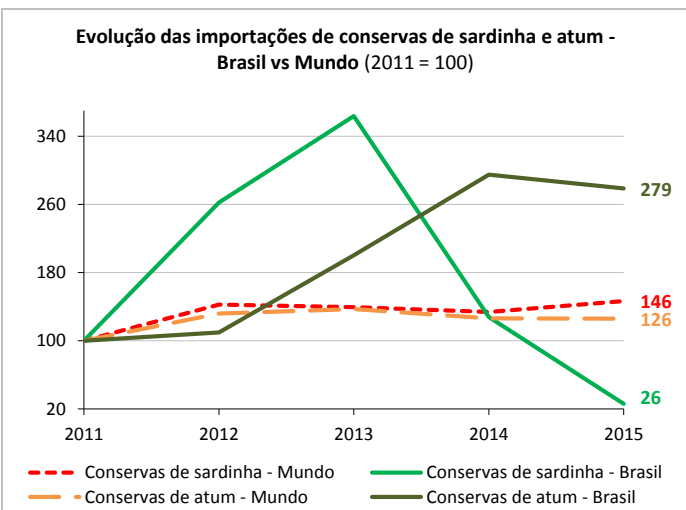
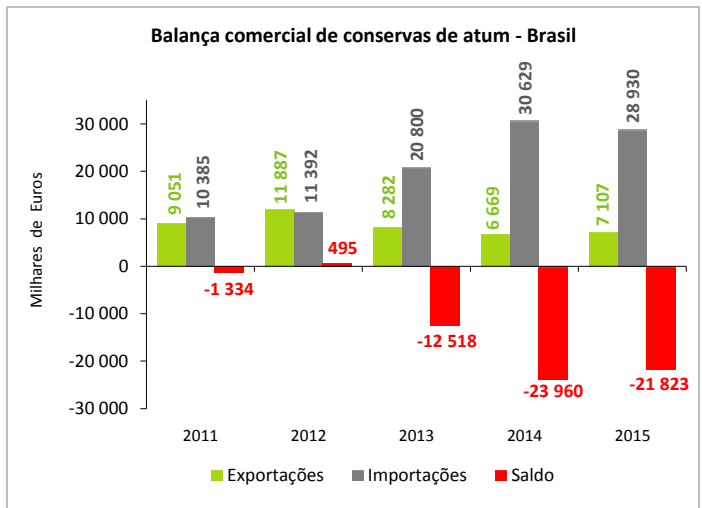
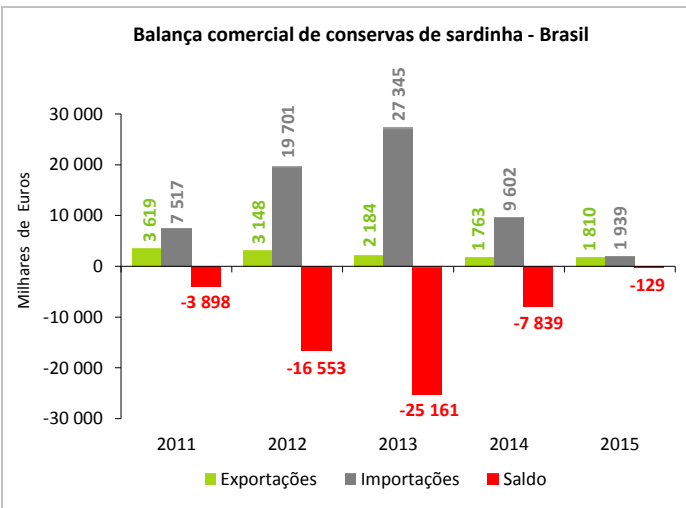


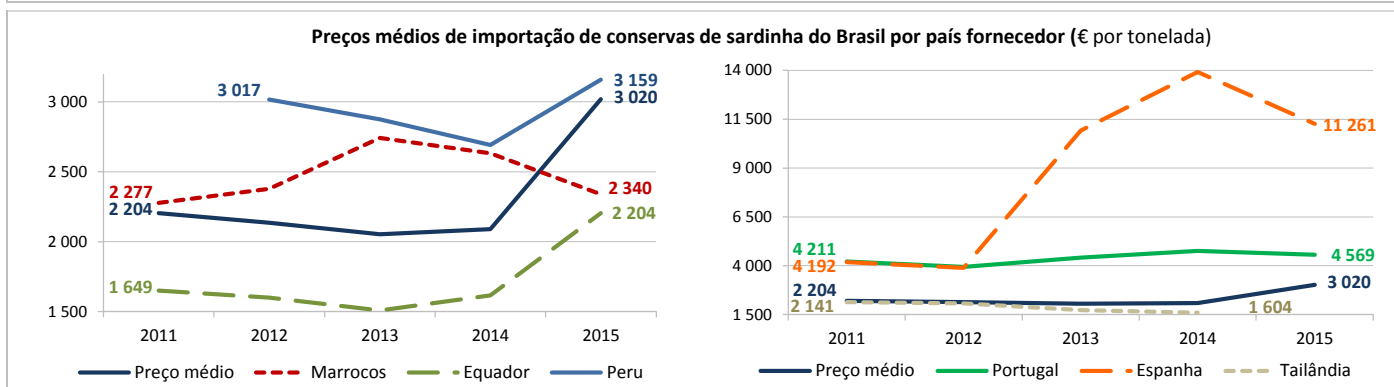
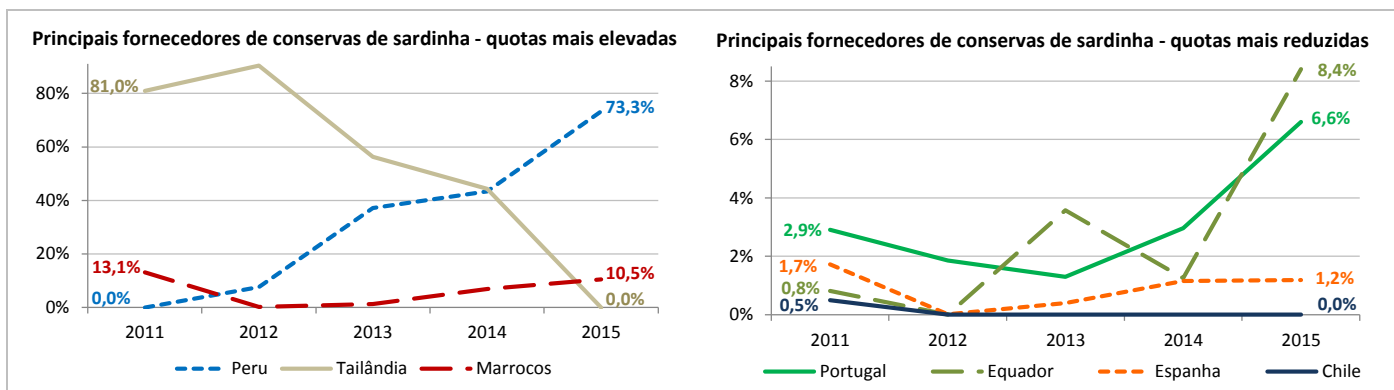
### 1. CARACTERIZAÇÃO GERAL DO MERCADO DE CONSERVAS DE PEIXE



Posição do Brasil no comércio mundial de conservas em 2015

- de sardinha (NC 1604 13): 84º importador mundial (0,19% do total em valor); 32º exportador mundial (0,18%)
- de atum (NC 1604 14): 33º importador mundial (0,5% do total em valor); 36º exportador mundial (0,13%)





Fonte: ITC - International Trade Centre (dados 2015 - provisórios)

### Principais aspetos a salientar - conservas de sardinha:

De acordo com o International Trade Center, em 2015, o Brasil ocupou o 27º lugar no ranking mundial de importações de bens, com uma quota de 1%. Nas conservas de sardinha, foi o 84º maior importador mundial, com 0,2%.

Entre 2011 e 2015, as importações mundiais de conservas de sardinha aumentaram a um ritmo médio anual de 11,4%, não obstante as reduções ocorridas em 2012 e em 2013. As importações brasileiras destes produtos cresceram de forma muito acentuada entre 2011 e 2013 (para um valor máximo de 27M€, a que correspondeu uma quota de 2,8% nas importações mundiais do setor) mas baixaram desde então, até um mínimo de 2M€ em 2015 (0,2% do mercado mundial).

O saldo da balança comercial brasileira de bens é, na generalidade, favorável ao Brasil mas, nas conservas de sardinha, o saldo foi negativo em todos os anos do período. O défice acompanhou a tendência das importações, com o valor mais alto em 2013 (25M€), e o mais baixo em 2015 (129 mil euros).

Ao longo do período, mais de 70% do mercado foi repartido entre dois fornecedores: a Tailândia e o Peru. Até 2013, a Tailândia liderou o mercado de conservas de sardinha importadas pelo Brasil mas, desde 2012, o Peru tem vindo, sistematicamente, a ganhar espaço e, em 2015, tornou-se o principal fornecedor, com uma quota de 73,3% (1,4M€). As importações brasileiras de conservas de sardinha à Tailândia, que chegaram a 6M€ em 2011 e a 17,8M€ em 2012 (quotas de, respetivamente, 81% e 90%) entraram em queda acentuada desde então e, em 2015, não se registaram transações deste tipo de produto.

O segundo maior fornecedor é Marrocos. Em 2011, o Brasil comprou perto de 1M€ em conservas de sardinha a este país, o que correspondeu a 13,1% do mercado. Em 2015, as importações brasileiras limitaram-se a 204 mil euros (10,5% do total).

O Equador (3º fornecedor), em 2015, respondia por 8,4% das compras brasileiras de conservas de sardinha ao exterior (163 mil euros). Em 2011, a quota não ultrapassava os 0,8% (61 mil euros).

Portugal (4º), detinha uma quota de 6,6% (128 mil euros) em 2015. A posição como fornecedor tem-se reforçado (em 2011, a quota era 2,9%, correspondente a 219 mil euros), apesar das compras brasileiras deste produto estarem a baixar desde 2012, ano em que atingiram um máximo de 366 mil euros (1,9%). A parcela de mercado de Portugal aumentou em 2014 e 2015, anos em que as importações brasileiras diminuíram drasticamente.

As importações do Brasil a Espanha (5º) têm diminuído e o mercado tem perdido quota, passou de 1,7% para 1,2% (de 130 mil euros em 2011 para 23 mil euros em 2015). No caso do Chile, apenas se registaram valores em 2011 (0,5% ou 37 mil euros).

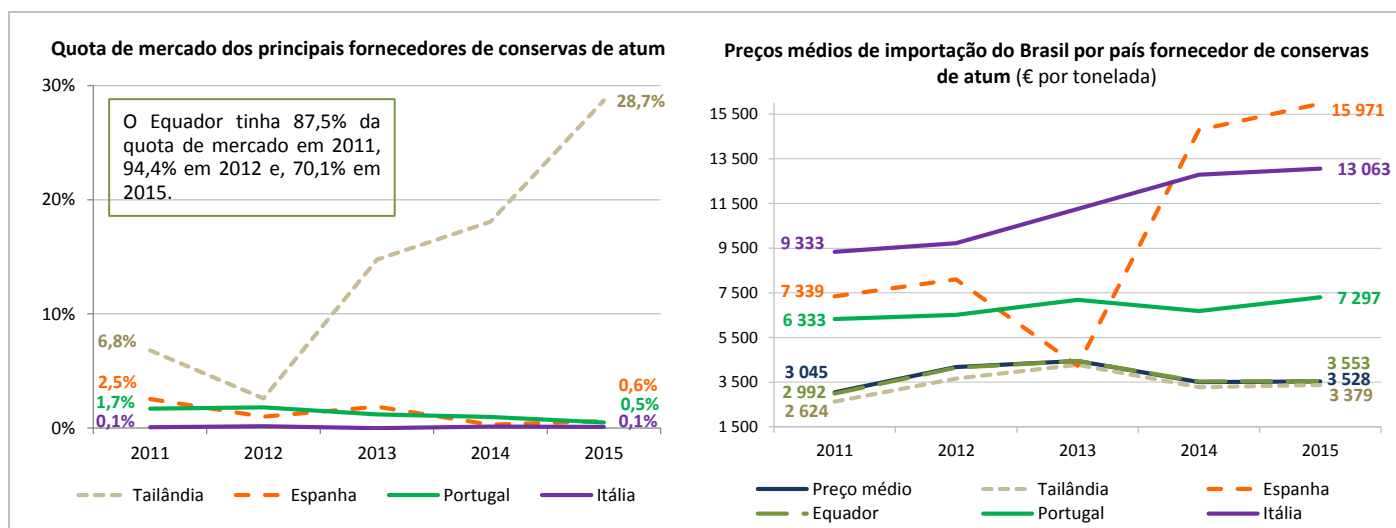
O preço médio das conservas de sardinha importadas pelo Brasil, com tendência decrescente entre 2011 e 2014 (2 204€/ton para 2 090€/ton), recuperou no último ano (3 020€/ton).

O Peru, Portugal e Espanha praticaram preços acima da média ao longo de todo o período. O Peru seguiu, de perto, a evolução do preço médio, com um decréscimo até 2014 (para 2 691€/ton) e uma recuperação em 2015, para 3 159€/ton.

Os preços espanhóis verificaram um crescimento muito acima dos restantes fornecedores desde 2013. Entre 2011 e 2015, os preços passaram de 4 192€/ton para 11 261€/ton, apesar de uma ligeira contração em 2015.

Entre 2011 e 2015, Portugal aumentou ligeiramente os preços, de 4 211€/ton para 4 569€/ton.

Os preços das conservas de Marrocos aumentaram entre 2011 (2 277€/ton) e 2013 (2 743€/ton); após 2013 iniciaram uma trajetória descendente, chegando mesmo abaixo do preço médio em 2015 (2 340€/ton). Com preços inferiores à média, o Equador (em 2011, 1 649€/ton e, em 2015, 2 204€/ton).



Fonte: ITC - International Trade Centre (dados 2015 - provisórios)

### Principais aspetos a salientar - conservas de atum:

Nas conservas de atum, o Brasil foi o 33º maior importador mundial em 2015, com uma parcela de mercado de 0,5%, crescente nos últimos cinco anos (em 2011 foi de, apenas, 0,2%).

Ao contrário das importações brasileiras de bens, que baixaram a um ritmo médio anual de 1% entre 2011 e 2015, as de conservas de atum verificaram uma tendência crescente. Com um aumento médio anual de 33,5% (muito acima da média mundial de 6,9%), atingiram 29M€ em 2015.

Todavia, no período 2011-2015, o valor mais elevado das importações brasileiras de conservas de atum registou-se em 2014 (31M€), uma vez que estas baixaram 5,5% em 2015 (ainda assim, uma descida menos acentuada do que a de 10,4% das importações de bens pelo Brasil).

O saldo da balança comercial brasileira de conservas de atum foi negativo em quatro dos cinco anos (em 2012 houve um *superavit* de 0,5M€). A tendência tem sido para o aumento do défice nos últimos três anos, com um máximo de 24M€ em 2014, resultado do forte aumento das importações (mais 10M€ do que no ano anterior) e da diminuição das exportações (menos 1,5M€).

O mercado está repartido, fundamentalmente, por dois fornecedores, o Equador e a Tailândia que, em 2015, respondiam por praticamente 99% das conservas de atum importadas.

O **Equador**, principal fornecedor, detinha em 2015, uma quota de mercado de 70% (87,5% em 2011). As compras a este país têm crescido, em média, 25,9% ao ano, com o valor mais significativo em 2014 (24,6M€).

As compras brasileiras de conservas de atum à **Tailândia** têm aumentado de forma muito acentuada e a quota de mercado passou de 6,8% em 2011 (706 mil euros), para 28,7% em 2015 (8,3M€).

Em 2015, a **Espanha** foi o 3º fornecedor, respondendo por 0,6% do mercado. As compras ascenderam a 264 mil euros em 2011, a 389 mil euros em 2013 (valor mais alto nos últimos cinco anos) e recuaram para 176 mil euros em 2015. A quota de mercado, de 2,5% em 2011, tem vindo a diminuir (0,6% em 2015).

**Portugal**, 4º fornecedor de conservas de atum, baixou de uma quota de 1,7% em 2011 para 0,5% em 2015. As compras brasileiras partiram de 177 mil euros em 2011 e aumentaram cerca de 19% em média ao ano até 2014 (para um valor máximo de 301 mil euros). Em 2015, verificou-se uma contração para 146 mil euros, o valor mais baixo deste período.

O quinto fornecedor foi **Itália** que, em 2015, respondeu por 0,1% do mercado. O Brasil comprou 38 mil euros em conservas de atum italianas em 2011 e 26 mil euros em 2015.

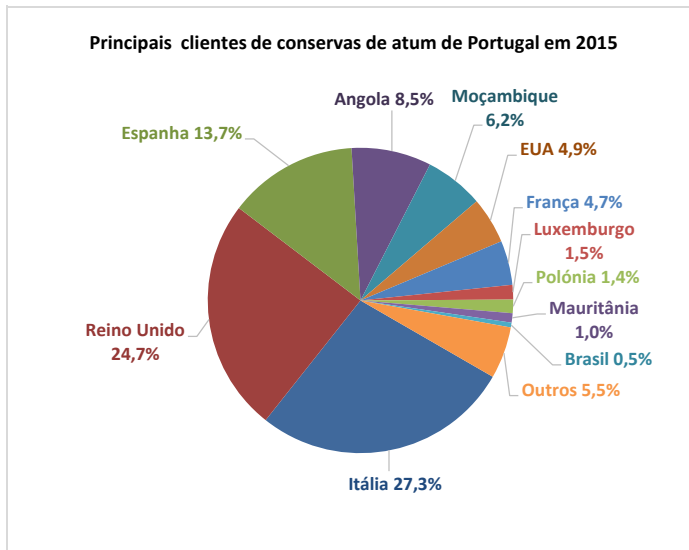
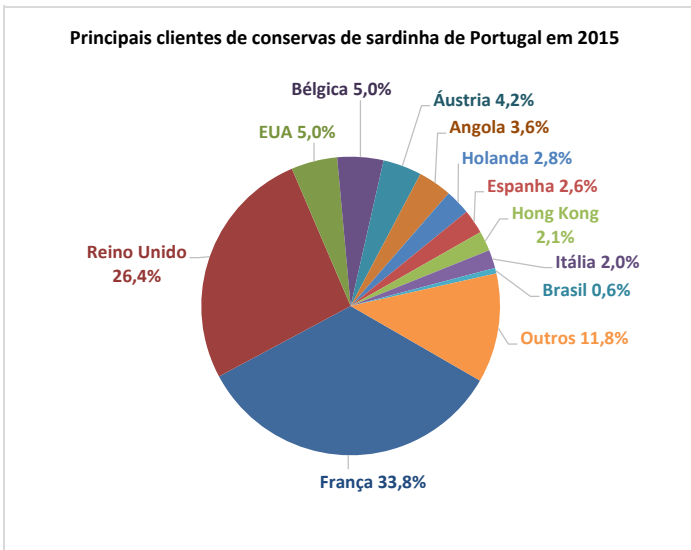
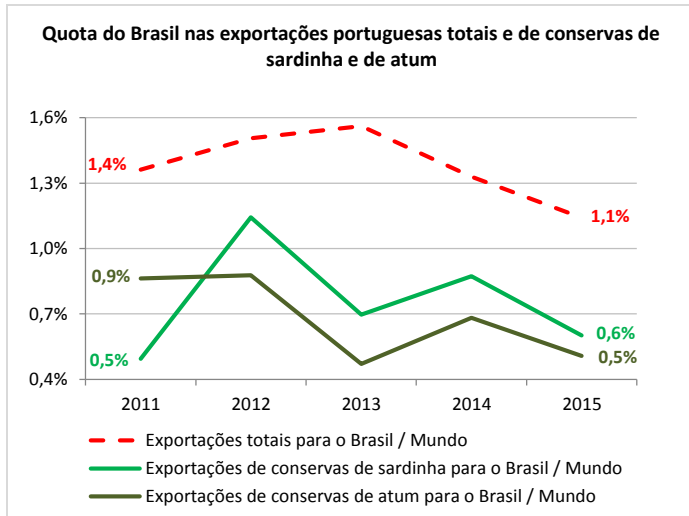
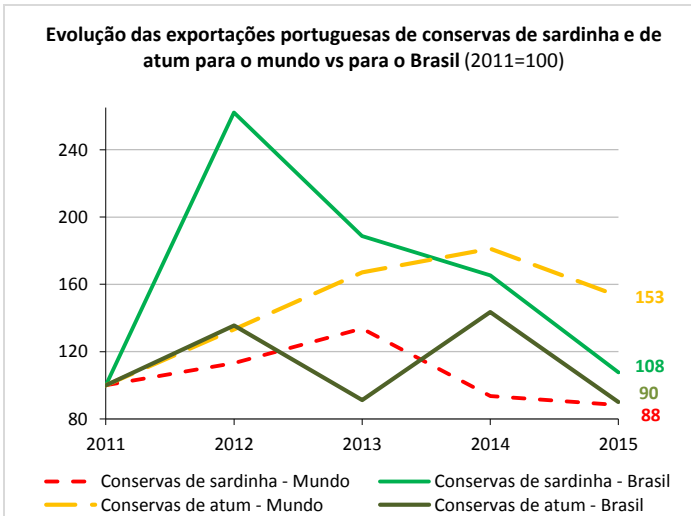
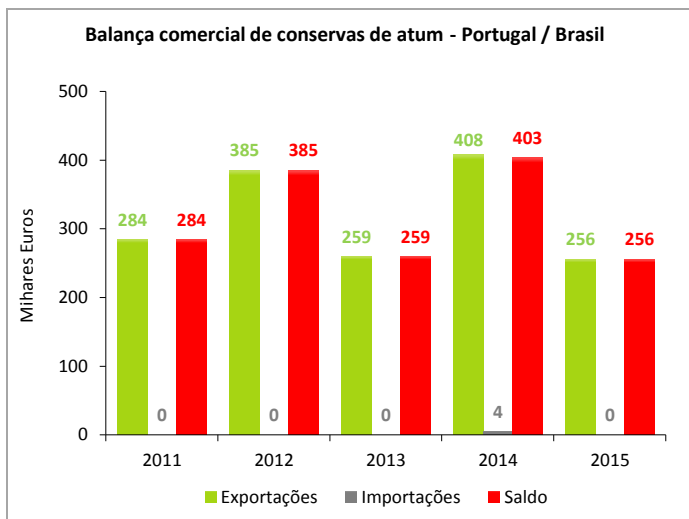
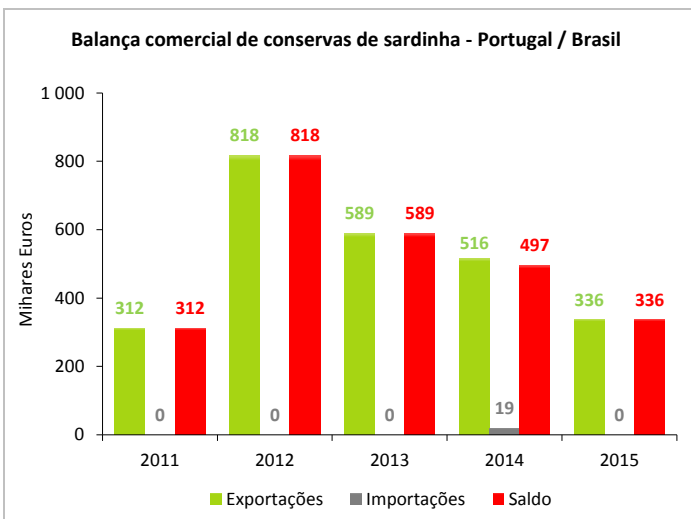
O **preço médio** das conservas de atum importadas pelo Brasil verificou uma tendência crescente (3 045€/ton em 2011 e 3 528€/ton em 2015). O preço médio é muito influenciado pelos dois fornecedores que dominam o mercado e, assim, está muito próximo dos preços do Equador (um pouco acima em 2015), e da Tailândia (um pouco abaixo)

O preço das conservas equatorianas foi de 2 992€/ton em 2011, e de 3 553€/ton em 2015. O segundo maior fornecedor, a Tailândia, é o único país que comercializa abaixo do preço médio (2 624€/ton em 2011 e 3 379€/ton em 2015).

No quadro dos fornecedores europeus, os preços mais elevados, em 2015, foram os praticados por Espanha (15 971€/ton), seguidos dos italianos (13 062€/ton) e dos portugueses (7 297€/ton.). Ao longo do período 2011-2015, a tendência foi para o aumento dos preços por parte destes três fornecedores. Enquanto nos casos de Itália e Portugal o crescimento foi relativamente regular, os preços praticados por Espanha caíram de forma acentuada em 2013 (para 4 231€/ton) e, a partir de então, cresceram a um ritmo muito rápido.

#### 4. RELACIONAMENTO BILATERAL

Posição do Brasil no comércio externo português de conservas em 2015  
 - de sardinha: 17º cliente (0,6 % do total em valor); sem registo de importações  
 - de atum: 15º cliente (0,5% do total em valor); sem registo de importações



Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Os valores das exportações portuguesas de conservas de sardinha e atum para o Brasil apurados pelo INE são inferiores aos divulgados pelo ITC. Este facto pode, eventualmente, resultar de diferentes critérios de registo utilizados pelas duas fontes.

#### **Principais aspetos a salientar- conservas de sardinha:**

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, em 2015, o Brasil foi o 12º cliente das exportações portuguesas de bens (569M€) e o 11º fornecedor de Portugal (860M€), com uma quota de 1,1% nas saídas e de 1,4% nas entradas de mercadorias.

No mesmo ano, o Brasil foi o 17º cliente de Portugal em conservas de sardinha. Com aquisições de 336 mil euros, respondeu por 0,6% das exportações portuguesas do setor.

Entre 2011 e 2015, as vendas destes produtos para o mercado brasileiro cresceram a uma média de 21,7% ao ano, mas com um comportamento irregular: de 2011 para 2012, o valor das exportações mais que duplicou; desde então, houve uma contração das vendas (de 818 mil euros para 336 mil euros).

As importações de conservas de sardinha brasileiras são praticamente nulas em todos os anos. Neste contexto, o saldo da balança comercial é favorável a Portugal e determinado pela evolução das exportações portuguesas (em 2015 o superavit foi de 336 mil euros).

A evolução do total das exportações portuguesas de conservas de sardinha foi positiva até 2013 e negativa a partir daí. Por cada 100€ vendidos em 2011, em 2013 eram vendidos 134€ e, em 2015, apenas 88€. As exportações para o Brasil seguiram uma tendência semelhante à do setor. Ou seja, por cada 100€ vendidos em 2011, em 2012 eram vendidos 262€ e, em 2015, 108€.

A quota de mercado do Brasil, quer das exportações portuguesas de bens, quer das exportações de conservas de sardinha teve uma evolução pouco estável. No primeiro caso, 1,4% em 2011, 1,6% em 2013 e 1,1% em 2015. No segundo, 0,5% em 2011, 1,1% em 2012, e 0,6% em 2015.

#### **Principais aspetos a salientar - conservas de atum:**

Em 2015, o Brasil posicionou-se como 15º cliente de Portugal nas conservas de atum. Com aquisições de 256 mil euros, respondeu por 0,5% das exportações portuguesas do setor.

Entre 2011 e 2015, as vendas deste produto para o mercado brasileiro cresceram a uma média de 5,7% ao ano, mas tiveram um comportamento irregular: 2011, 2013 e 2015 foram anos de contração das vendas (valores a rondar 250 mil euros), por oposição, 2012 e 2014 foram positivos, em que os valores das exportações portuguesas ascenderam, aproximadamente, a 400 mil euros.

As importações de conservas de atum brasileiro são praticamente nulas em todos os anos. Neste contexto, o saldo da balança comercial é favorável a Portugal e determinado pela evolução das exportações portuguesas (em 2015 o superavit foi de 256 mil euros).

A evolução das exportações portuguesas totais de conservas de atum tem sido positiva, por cada 100€ vendidos em 2011, em 2015 eram vendidos 153€. No caso do Brasil, apesar de alguns anos de crescimento, em 2011, por cada 100€ vendidos, em 2015 só eram vendidos 90€.

A quota de mercado do Brasil, nas exportações de conservas de atum teve uma evolução pouco estável, 0,9% em 2011 e 0,5% em 2015.

### 3. DESTAQUES DO MERCADO

#### Produção

O potencial piscatório brasileiro é enorme, com mais de 7 000 Km de costa, no entanto este potencial ainda não está a ser explorado em larga escala. No que diz respeito à indústria de conservas de peixe no Brasil, o desenvolvimento tem sido positivo e conta com a presença de grandes empresas nacionais e estrangeiras, com destaque para os investimentos espanhóis. Todavia, a falta de garantia de abastecimento tem sido um dos obstáculos ao crescimento do setor conserveiro que atravessa, atualmente, uma fase de diversificação, com a aposta em novas espécies, à semelhança do que está a acontecer com a tilápia ou Saint Peter. Estão também a ser avaliadas as possibilidades de produção de conservas de cachapinta cultivada em cativeiro na região do Pantanal, de matrinxá e de sardinha de água doce. Contudo, as conservas com maior expressão continuam a ser as de sardinha e de atum.

A inovação na indústria conserveira está, também, orientada para o aumento da vida útil do pescado, para melhores processos de conservação, maior facilidade de manuseio e de transporte e preços mais competitivos. O tempo de validade é um fator importante, no mínimo, de quatro anos para a embalagem fechada.

De acordo com o [cadastro central de empresas](#) divulgado em 2015, em 2013 existiam no Brasil 480 empresas no setor de preparação e conservação de peixe (0,11% do total das empresas a operar na indústria transformadora) que contavam com 15 793 trabalhadores assalariados (0,19% dos assalariados da indústria transformadora).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, em 2013, a indústria brasileira de conservas de pescado produziu 123 785 mil toneladas de conservas, representando um acréscimo de 10,65% face a 2012. O valor da produção, em 2013, foi de R\$ 1 187 milhões (320,8 milhões de euros à taxa de câmbio média de 2015: 1€=3,7004R\$).

#### Evolução da produção de conservas de peixe no Brasil

Ano	Qtd Produzida (Ton)	Valor Produção (Mil Reais)
2013	123 785	1 187 336
2012	111 862	945 157
2011	106 355	715 552
2010	102 747	763 029
2009	122 196	812 905

Fonte: [IBGE](#), Produção e venda de produtos e/ou serviços industriais

Segundo a última Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE (divulgada em 2011), o consumo de conservas de peixe segue, em termos regionais, a tendência de consumo de peixe fresco e/ou preparado que, embora comum nas regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste, é maior no Norte e no Nordeste.

	Consumo alimentar médio per capita (g/d)					
	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
Peixes frescos e preparações	23,4	95	35,1	11,4	6,8	8,5
Conservas de peixe	0,4	0,6	0,6	0,4	0,1	0,2
Peixes salgados	2,9	6,8	3,8	2,6	0,9	0,6
Outros pescados	0,7	2,1	0,6	0,5	0,8	0

Fonte: [IBGE](#), Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009, Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil

Estes valores são reduzidos, sobretudo se comparados com os consumos de carne bovina (63,2 g/dia) ou de aves (36,5 g/dia).

O consumo *per capita* de peixe no Brasil é substancialmente inferior ao português. Os dados da FAO relativos ao ano de 2013 apontam para uma oferta de peixe e outros produtos da pesca em Portugal da ordem dos 53,8Kg *per capita*, enquanto no Brasil o valor não ultrapassa os 9,7Kg. Com o intuito de mudar essa tendência, o Ministério da Pesca e da Aquicultura realiza, desde 2004, a [Semana do Peixe](#), que promove os benefícios nutricionais dos mesmos.

A indústria das conservas no Brasil beneficia de medidas governamentais que visam aumentar a produção e o consumo de produtos de pesca, estando a ser preparadas campanhas de âmbito económico e de saúde para aumentar a procura de peixes enlatados.

Para além deste fator, são apontadas outras causas para esta tendência positiva:

- A urbanização, a vida ativa da mulher e a sua entrada no mercado de trabalho;
- O envelhecimento populacional;
- A maior preocupação com a saúde;
- A consciência ambiental da população.

Neste contexto, surge a necessidade de conveniência e produtos práticos (prontos a servir), a maior atenção à composição nutricional dos alimentos, e o aumento do conhecimento e a valorização das qualidades dos produtos alimentares.

Os consumidores procuram produtos diferenciados e a indústria de conservas não ficou alheia a essas transformações. Atualmente podem encontrar-se nas prateleiras de supermercados tanto as tradicionais conservas de sardinha, em óleo ou em tomate, e de atum, em óleo ou natural, como produtos diversificados e mais sofisticados como as conservas em azeite temperado, em limão, com molho picante, entre outros.

#### - Atum

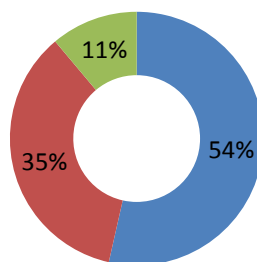
Nas regiões Sul e Sudeste, a pesca do atum foi iniciada em 1959 com acesso a embarcações alugadas a japoneses. Até 1964, a pesca do atum foi surgindo naturalmente, mas devido à instabilidade política no Brasil os navios procuraram outros portos. Na atualidade, a pesca concentra-se, sobretudo, no Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Norte e segue os regulamentos da Comissão Internacional para a Conservação dos Atuns do Atlântico ([ICCAT](#)). Como o Brasil nem sempre consegue atingir a quota estabelecida, o governo federal permite que os empresários aluguem barcos de outros países.

Pela primeira vez, no ano de 2014, a produção de conservas de pescado, tradicionalmente localizada nas regiões Sul e Sudeste no Brasil, passou a ter presença no Nordeste, mais precisamente no estado do Ceará. A empresa Crusoe Foods, detentora da marca Robinson Crusoe, investiu numa fábrica de conservas situada em São Gonçalo do Amarante, município da Região Metropolitana de Fortaleza.

Em termos de consumo, segundo um estudo da revista “Supermercado Moderno” divulgado no jornal A Folha de São Paulo, o atum em lata preferido dos brasileiros é o atum ralado, que é também o mais barato e de menor qualidade.

#### Atum em lata preferido dos brasileiros

■ Ralado ■ Sólido ■ Em pedaços

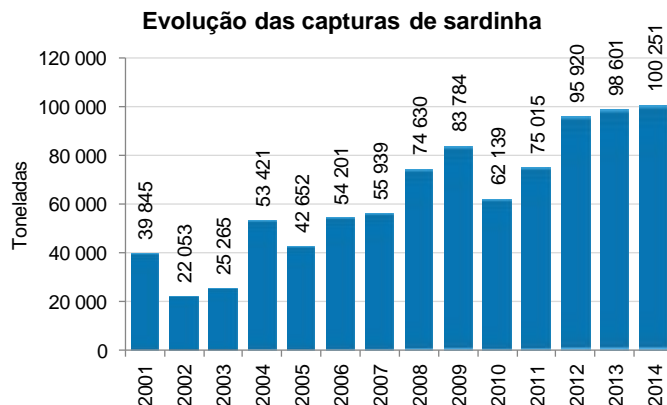


Fonte: [Folha de São Paulo](#), reportagem do dia 01 de Dezembro de 2015

#### - Sardinha

A indústria de conservas de peixe no Brasil atingiu o auge na década de 70, altura em que a produção de sardinha em conserva chegou às 250 mil toneladas, sendo o Rio de Janeiro um dos principais polos, sobretudo nas cidades de Niterói e S. Gonçalo.

Com a sobre-exploração dos *stocks*, o setor praticamente colapsou e o eixo pesqueiro deslocou-se para sul, para Santa Catarina (Itajaí, Navegantes e Porto Belo). Em 2000, a captura de sardinha baixou para cerca de 17 mil toneladas mas, a adoção em 2003 de uma política de ordenamento e proteção dos *stocks* permitiu o aumento das capturas para níveis em torno das 100 mil toneladas em 2014.



Fonte: [Seafood Brasil](#) – Anuário de 2015

A esta evolução não é alheia a implementação do defeso marinho, fixado em dois períodos: de 1 de novembro a 15 de fevereiro e de 15 de junho a 31 de julho.

Apesar do aumento do volume de captura, o Brasil ainda não é autossuficiente uma vez que, segundo o Comité da Indústria de Conservas da Associação Brasileira da Indústria de Alimentação ([ABIA](#)) são necessárias, anualmente, 120 a 140 mil toneladas de sardinha.

**Captura de sardinha por Estados**

	2013	2014	Varição (%)
Rio de Janeiro	44 351	47 059	6,1
São Paulo	15 247	9 203	-39,6
Santa Catarina	39 003	43 984	12,8
<b>Total</b>	<b>98 601</b>	<b>100 251</b>	<b>1,7</b>

Fonte: Seafood Brasil

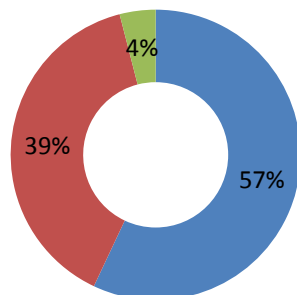
Os dados da pesca de sardinha limitam-se a alguns Estados do Brasil que realizam o acompanhamento sistemático destes valores. A média de descargas no Rio de Janeiro tem sido superior à de Santa Catarina mas as estimativas apontam para que, em 2014, a indústria de Santa Catarina tenha representado cerca de 65% da produção brasileira de conservas de sardinha e o Rio de Janeiro tenha respondido por, apenas, 35%.

A sardinha (*Sardinella Brasiliensis*) é, de longe, o produto mais importante do mercado por ser uma opção acessível mesmo para as famílias das classes com rendimentos mais baixos.

Em termos de consumo, segundo o “Supermercado Moderno” a preferência do consumidor brasileiro vai para a sardinha em óleo.

**Sardinha em lata preferida dos brasileiros**

■ Em óleo ■ Em molho de tomate ■ Outras



Fonte: [Folha de São Paulo](#), reportagem do dia 01 de Dezembro de 2015



## Principais produtores

### - [Gomes da Costa](#)

É a marca mais tradicional do Brasil e lidera o mercado de conservas de sardinha e de atum (41% segundo a empresa). Em 2010, foi adquirida pelo grupo espanhol Calvo, que comercializa os seus produtos no Brasil com as marcas Gomes da Costa e 88. É uma das cinco maiores empresas de conservas de peixe do mundo, com uma frota de 11 navios em 3 oceanos e conta com cerca de 2 000 trabalhadores.

A fábrica de conservas e a de embalagens estão situadas em Itajaí (Santa Catarina). A fábrica de conservas é uma unidade de processamento de última geração e é considerada a maior unidade de captura e recolha da América Latina, com uma produção superior a 1 milhão de latas por dia. Usa como matérias-primas, além da sardinha e do atum, cavalinha, salmão, bonito e mexilhão. A fábrica de embalagens de aço, em laboração desde 2007, envolveu investimentos superiores a 30 milhões de dólares.

A empresa alargou, recentemente, o portfólio de produtos, passando a incluir conservas de vegetais, peixe congelado e conservas de sardinhas com menor teor de sódio. Exporta conservas de peixe para dezenas de países.

Tem filiais em diversos Estados do Brasil, nomeadamente, em Minas Gerais, Maranhão, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Pernambuco e, ainda, em Buenos Aires, na Argentina (onde se tornou a marca líder em sardinhas e a segunda maior em atum). Está também presente em outros países do Mercosul, como o Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia, e iniciou atividades de vendas e *marketing* em diversos países como Angola, Jordânia, Líbia, Suriname, Costa Rica, Síria, Cuba e Austrália.

### - [Camil Alimentos](#): Coqueiro, Alcyon, Pescador e Navegantes

A [Coqueiro](#) foi fundada em 1937, como indústria de licores e iniciou, pouco tempo depois, a produção de conservas de sardinha, passando a designar-se Indústria de Conservas de Peixe Coqueiro. Em 1973, foi adquirida pela Quaker Oats/Pepsico, que a vendeu em 2011 à Camil Alimentos, a maior empresa de arroz do Brasil, com 27 unidades industriais de arroz e feijão, das quais 12 no Brasil, 9 no Uruguai, 3 no Chile, 2 no Peru e 1 na Argentina.

A Coqueiro possui o selo [Dolphin Safe](#), é a segunda marca mais vendida e oferece sardinha e atum em conserva, patés, atum em pedaços, atum ralado, saladas de atum, molhos com atum, e sardinhas em óleo de soja, com molho de tomate e com ervas finas.

A Camil Alimentos detém, também, o Grupo Femepe S.A. fundado em 1966 em Itajaí (SC). O Grupo Femepe abrange uma fábrica de conservas de peixe e uma de embalagens na cidade de Navegantes (SC), em Maceió (AL) e Santos (SP), totalizando 30 000 m<sup>2</sup> de área industrial e cerca de 1 200 funcionários. Detém as marcas Alcyon, Pescador e Navegantes.

### - [Crusoe Foods](#)

A Crusoe Foods do Brasil pertence ao grupo espanhol [Jealsa-Rianxeira](#). Em associação com a empresa [R&B Aquicultura](#) do Ceará abriu, em 2014, a primeira fábrica de conservas de peixe do Norte e Nordeste no município de São Gonçalo do Amarante.

A fábrica produz 230 mil latas de sardinha e 50 mil latas de atum diariamente com a marca Robinson Crusoe e gera cerca de 200 empregos diretos.

### - [Conservas Rubi](#)

É a empresa de conservas mais antiga do Brasil. Fundada em 1934, localizada na região de S. Gonçalo, enfrentou uma situação económica difícil mas, através de parcerias com o setor grossista em Goiás e com redes de distribuição no norte do país, tem vindo a recuperar.

Tem maior expressão no Centro Oeste, onde é a quinta marca mais vendida, tanto de conservas de atum como de sardinha. Embora o principal produto seja a sardinha com cobertura de óleo, o leque de oferta é alargado, desde as conservas de sardinha boca-torta, vendidas sobretudo em Minas Gerais, Goiás, Norte e Nordeste e com elevada penetração nas classes mais baixas, até edições limitadas e produtos complementares (cavalinha e sardinha-laje/*Opisthonema oglinum*).

Para além destas empresas, que produzem conservas maioritariamente com pescado da costa brasileira, existem outras que baseiam a sua produção em pescado importado e/ou importam produto acabado. Destacam-se, nomeadamente,

**- Ampex Food Holding**

A Ampex Brasil iniciou a comercialização e distribuição de conservas de sardinha e de atum no Brasil em 2010, com a criação da marca Beira-Mar.

Começou por importar atum tailandês, mas presentemente os seus maiores fornecedores são do Peru e do Equador. Atualmente, a linha Beira-Mar oferece conservas de atum, de sardinha e de anchovetas e, ainda, um serviço de distribuição direta para *food service*.

**- Eurofoods**

Fundada em dezembro de 1999, a Eurofoods destaca-se no fornecimento de mercadorias importadas para indústrias, embaladores, distribuidores, hipermercados e supermercados.

Localizada em Valinhos - SP, numa área de 12 000m<sup>2</sup>, com uma ampla linha de mercadorias (azeites e óleos, conservas de vegetais, frutas em calda, geleias, frutas secas, conservas de peixe, especiarias e grãos, vinagres e molhos) que são comercializadas em mais de 30 000 pontos de vendas no Brasil.

Distribui conservas de atum com as marcas Saint Paul e Andaluzia, de sardinha Bon Appetit, de chicharro e de anchova.

**- Santar**

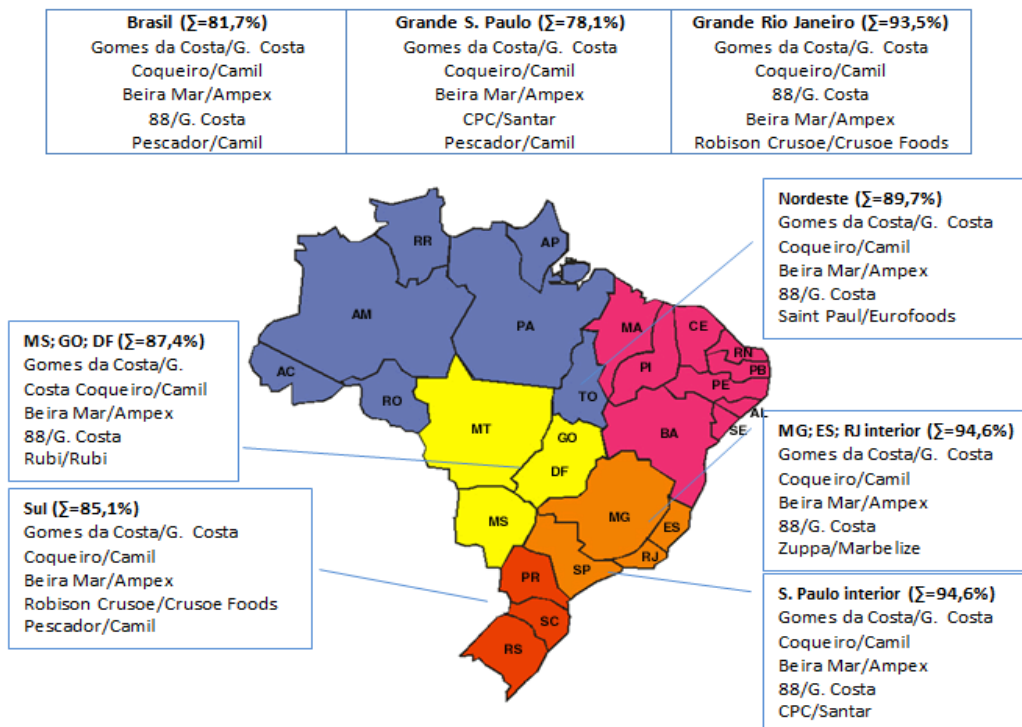
Distribui conservas de atum com as marcas CPC e Nordmar.

**- Marbelize**

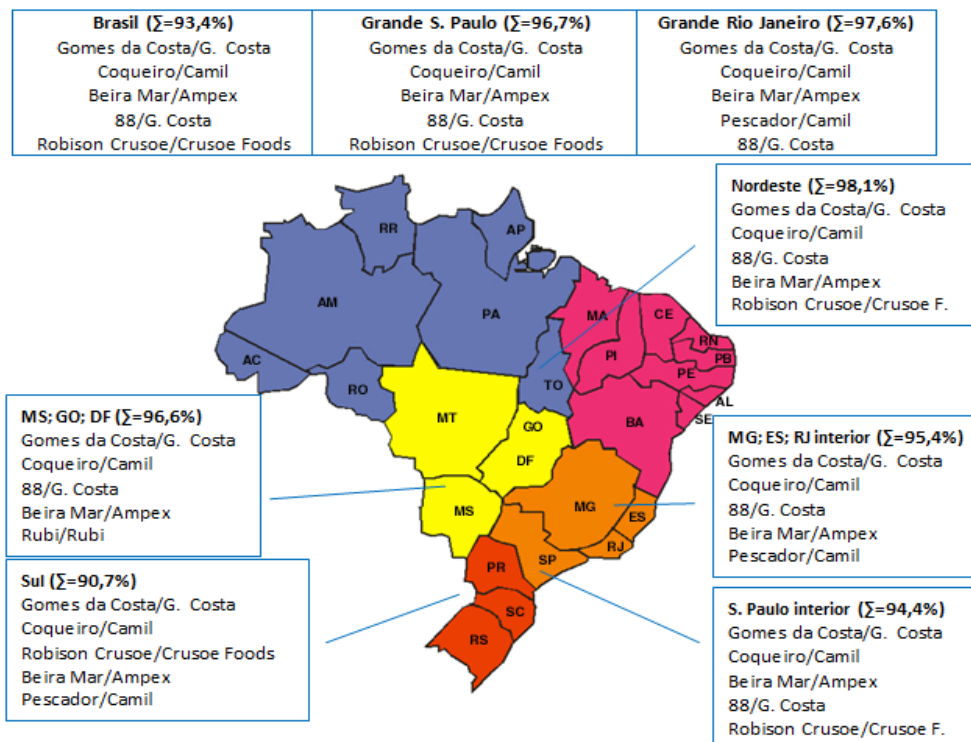
Esta produtora de conservas de atum equatoriana distribui no Brasil conservas com a marca Zuppa. Vende atum enlatado para diversos clientes, oferece também conservas em frascos de vidro para o segmento *gourmet* e tem uma posição importante como fornecedor de pizzarias. Tem alargado o portfólio de produtos que vende no Brasil, onde já está presente com uma linha de congelados e lançou, recentemente, *nuggets*, hambúrgueres, almôndegas e azeitonas recheadas de atum.

Os dois gráficos que se seguem apresentam as quotas de mercado do grupo das cinco maiores empresas de conservas a operar nos maiores estados. Destaca-se São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Mato Grosso do Sul (MS), Goiás (GO), Distrito Federal (DF), Minas Gerais (MG) e Espírito Santo (ES). Para além destes Estados, as regiões Nordeste que inclui Maranhão (MA), Piauí (PI), Ceará (CE), Rio Grande do Norte (RN), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Alagoas (AL), Sergipe (SE) e Bahia (BA); e a região Sul que abrange o Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS).

**Conservas de atum e bonito – top 5 das marcas mais vendidas**



### Conservas de sardinha – top 5 das marcas mais vendidas

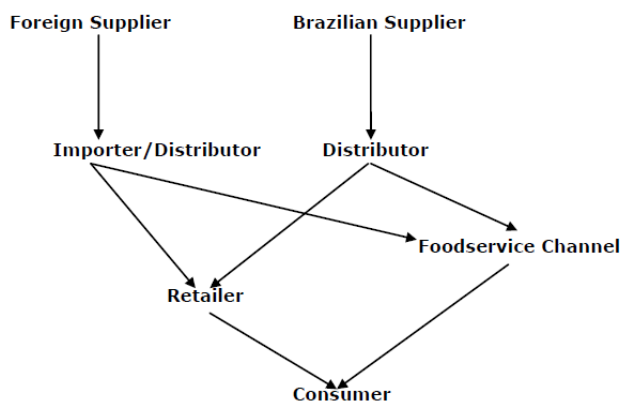


Fonte: Seadfood Brasil

### Distribuição

Segundo um estudo realizado pela [UK Trade & Investment](#), os canais utilizados na distribuição de conservas de peixe no Brasil são coincidentes com a norma dos restantes produtos alimentares. De salientar que, segundo a mesma fonte, o consumidor médio brasileiro dá prioridade à conveniência/ proximidade da loja em detrimento do preço do produto. Adicionalmente, devem ser investigados, para além dos canais de distribuição nacionais, outros a nível estatal ou regional que também são significativos, dada a dimensão do país.

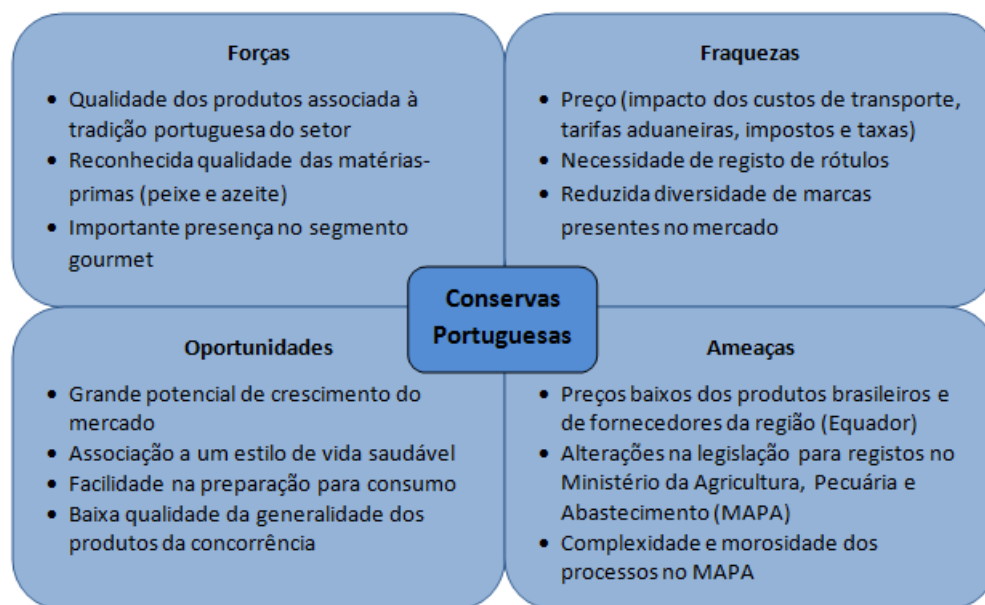
#### Canais de distribuição



Por norma, a distribuição dos produtos importados no mercado é assegurada por um importador, distribuidor ou representante. Em função da estratégia da empresa exportadora, esta poderá ter mais do que um importador/representante, que abrangem diferentes regiões. Todavia, as grandes cadeias de distribuição importam diretamente este tipo de produtos.

Segundo dados do ITC, em 2015, os três principais fornecedores de conservas de peixe (ao nível do produto acabado) foram o Equador, a Tailândia e o Peru. O Equador, o principal fornecedor de conservas de atum, localiza a sua produção na planície de Manabi, com quase duas dezenas de fábricas, e o produto acabado sai pelo porto de Malta. As latas de menor dimensão são absorvidas pelas grandes redes de supermercados (as mais comuns são a Van Camp's, a CPC e a Beira-Mar) e as restantes destinam-se ao canal HORECA.

#### Análise SWOT para as conservas portuguesas no mercado brasileiro



#### 4. ASPETOS REGULAMENTARES

##### Regime de Importação

##### Tributação Aduaneira

##### Direitos Aduaneiros:

Com a entrada em vigor da [Tarifa Externa Comum \(TEC\) do Mercosul](#), o Brasil passou a aplicar, na maioria dos produtos importados de países terceiros, o mesmo nível de direitos alfandegários que os restantes parceiros, sendo que, periodicamente, são estabelecidas exceções (redução ou aumento temporário do imposto de importação) para os produtos considerados sensíveis.

Os produtos importados provenientes da União Europeia estão sujeitos aos direitos aduaneiros decorrentes da aplicação da Cláusula da Nação Mais Favorecida (*MFN tariff/WTO*).

Posição pautal	Taxa
1604.13.10	32%
1604.14.10	16%

##### Outras Taxas:

- Imposto sobre os Produtos Industrializados: 0%;
- Contribuição para os Programas de Integração Social e Formação do Património do Servidor Público, PIS Importação: 2,1%;
- Contribuição para o Financiamento da Segurança Social – COFINS Importação: 10,65%;
- Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS: as taxas deste tributo, similar ao nosso IVA, variam entre 7% e 25% consoante o Estado de destino das mercadorias (em São Paulo, por exemplo, a taxa normal é de 18%, com exceção de alguns produtos previstos em lei própria);

– Frete para Renovação da Marinha Mercante – FRMM: 25% do valor do frete internacional.

A aplicação do imposto de importação e demais impostos é feita em cascata, ou seja, de forma cumulativa:

- Valor CIF x II (Imposto de Importação) = A
- A x IPI (Imposto sobre Produtos Industriais) = B
- B + PIS Importação + COFINS Importação (determinados pela tabela oficial da Receita Federal e calculados sobre o valor CIF das mercadorias) = C
- C + taxa do SISCOMEX (sistema informático de comércio exterior, que é [de R\\$ 185,00 por DI - Declaração de Importação mais R\\$ 29,50 por cada adição à DI](#), ou seja, por cada produto com classificação pautal diferente) = D
- D / ICMS (Imposto sobre a Circulação de Bens e Serviços, calculado por dentro, i. e. no caso do ICMS ser 18% – taxa normal no Estado de São Paulo, em vez de multiplicar por 18%, divide por 0,82; já se o ICMS for 17% – taxa normal na maioria dos restantes Estados, divide por 0,83) = Resultado dos principais impostos aduaneiros.

A esta soma há ainda que adicionar taxas aduaneiras, tais como: FRMM – Frete para Renovação da Marinha Mercante, que é 25% sobre o valor do frete marítimo e que deve entrar na base de cálculo do ICMS; Taxa de capatazia; Taxa de armazenagem; Desconsolidação; Desembaraço; Serviços do despachante; Liberação do *bill of lading*.

#### Notas:

Os interessados podem, igualmente, aceder ao [Simulador do Tratamento Tributário e Administrativo das Importações \(Receita Federal\)](#) para identificar o exato valor dos encargos de importação e eventuais exigências administrativas na entrada de produtos.

Quer o *site Market Access Database* quer o Simulador do Tratamento Tributário e Administrativo das Importações (Receita Federal) poderão não refletir o aumento ou redução temporários do imposto de importação (exceções à TEC fixadas pelo Brasil), pelo que os interessados devem confirmar se a respectiva taxa que consta na base de dados/simulador é a que figura nas seguintes listas disponíveis no *site* do [MICS – Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços](#) / [Lista de Exceções à TEC](#).

#### Fontes:

[Market Access Database \(MADB\), Tariffs](#) – Selecionar o mercado (*Brazil*), a posição pautal do produto (1604) e clicar no campo – *Search*; consultar a coluna *MNF – Most Favoured Nation* – (data de atualização da informação disponibilizada no *site* – 25 de agosto de 2016). Para aceder a outras taxas clicar no código pautal específico do produto/classificação mais desagregada (data de atualização da informação disponibilizada no *site* – 26 de agosto de 2016);

[Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços \(MDIC\);](#)

[Receita Federal](#).

#### Formalidades de Importação

Para além da documentação geral que acompanha as transações comerciais internacionais (ex.: fatura comercial e documentos de transporte), há a salientar as seguintes formalidades específicas para a importação dos produtos em apreço:

– [Licença de Importação Não Automática](#) – exigível também para as posições pautais 1604.13.10 e 1604.14.10, a solicitar eletronicamente pelo importador via [Portal Siscomex](#);

– [Registo de Produtos Alimentares de Origem Animal](#) – exigível também para as posições pautais 1604.13.10 e 1604.14.10, a solicitar pelo estabelecimento produtor junto do [Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal \(DIPOA\), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento \(MAPA\)](#);

– [Autorização de Importação de Produtos de Origem Animal](#) – a solicitar pelo importador junto do [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento \(MAPA\)](#);

– [Certificado Sanitário de Produtos Animais](#) – a solicitar pelo exportador junto da [Direção-Geral de Alimentação e Veterinária \(DGAV\)](#);

– [Certificado de Análise](#), a obter pelo exportador junto da [Direção-Geral de Alimentação e Veterinária \(DGAV\)](#);

Complementarmente, importa referir que, em termos nacionais, a exportação de produtos portugueses de origem animal (ex.: produtos da pesca; carnes; leites e seus produtos) para o Brasil está sujeita a uma tramitação específica, que passa pelos seguintes passos:

- Contacto do operador com os serviços veterinários da respetiva região ([Direções de Serviços de Alimentação e Veterinária Regionais – DSAVR](#)) da DGAV;
- Controlo do estabelecimento pela DSAVR, para verificação do cumprimento dos requisitos legais;
- Solicitação pela DGAV à autoridade brasileira da inclusão do estabelecimento na [lista de estabelecimentos aprovados a exportar para o Brasil](#);
- Início, pelo operador, do processo de registo de rótulo ([um formulário](#) para cada tipo de produto);
- Conferência e assinatura do formulário pela respetiva DSAVR antes da sua submissão (pelo operador) à apreciação da autoridade brasileira (MAPA);
- Decisão da autoridade brasileira, que poderá ser de aprovação, aprovação com restrições ou reprovação;
- Solicitação do certificado sanitário à DSAVR, após inclusão do estabelecimento na lista de estabelecimentos habilitados e registo do rótulo, para o operador poder começar a exportar.

Os interessados podem consultar o [fluxograma](#) que sistematiza o processo de importação de mercadorias no Brasil no Portal brasileiro de comércio exterior [Invest & Export Brasil](#), bem como a informação disponível no *site* da DGAV sobre os [procedimentos de exportação para o Brasil](#).

No que respeita às questões de rotulagem de produtos alimentares, importa atender aos requisitos próprios exigidos pelo mercado brasileiro: [Perquntas e respostas \(rotulagem nutricional\)](#) / [Legislação Específica de Alimentos \(Rotulagem de Alimentos\)](#).

**Nota:**

Para mais informações sobre procedimentos de importação (ex.: alterações recentes; etiquetagem de produtos; exigências de qualidade) os interessados deverão consultar o tema – *Procedures and Formalities*, subtema – *Country Overview*, na *Market Access Database*.

**Fontes:**

[Market Access Database \(MADB\), Procedures and Formalities](#) – Selecionar o mercado (*Brazil*), a posição pautal do produto (1604) e clicar no campo – *Search* (data de atualização da informação disponibilizada no *site* – 29 de julho de 2016);  
[Autoridade Tributária Aduaneira \(AT\)](#);  
[Portal Siscomex](#);  
[Agência Nacional de Vigilância Sanitária \(ANVISA\)](#);  
[Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento \(MAPA\)](#);  
[Invest & Export Brasil](#);  
[Portal GlobalAgrimar](#).

**Entraves**

Não são conhecidos obstáculos específicos no setor das conservas no Brasil, registando-se, no entanto, algumas dificuldades horizontais a vários sectores no acesso a este mercado, como sejam:

- A elevada carga tributária que incide sobre os produtos importados no Brasil, assim como o facto de o cálculo dos impostos e taxas aplicáveis ser complexo e difícil de efetuar ([Taxation Related Problems](#));
- Demora do processo de desalfandegamento das importações apesar da informatização dos procedimentos de importação através do [Sistema Integrado de Comércio Exterior \(Siscomex\)](#). Na prática, os produtos importados por via marítima podem ficar até 2 semanas na cadeia burocrática, entre obrigações de armazenamento prévio ao pedido da licença, registos de importação, desalfandegamento e a sua retirada efetiva do armazém;
- Problemas na proteção contra a contrafação e outros abusos de direitos no âmbito da propriedade industrial, incluindo utilização indevida de indicações geográficas.
- Morosidade no registo de um novo estabelecimento produtor e dos rótulos dos produtos. Em média, um processo demora cerca de seis meses a ficar concluído.

**Fontes:**

[Market Access Database; Trade Barriers](#) – Selecionar o mercado (*Brazil*) – data de atualização da informação disponibilizada no *site* – 29 de julho de 2016;  
[Invest & Export Brasil](#).

## 5. OUTRAS INFORMAÇÕES PRÁTICAS SOBRE O MERCADO

### Importadores de conservas de sardinha e atum

[Allfood Importação e Exportação, Lda](#)  
[Aurora Indústria e Comércio de produtos Alimentícios, Lda](#)  
[Baid'nHer](#)  
[Barrinhas](#)  
[Casa Flora](#)  
[Interfood Importação, Lda](#)  
[Grupo MSé](#)  
[Nor-Import Comercial de Alimentos, Lda](#)  
[Santar Comércio de Generos Alimentícios](#)  
[Casa Santa Luzia](#)  
[La Pastina](#)

### Preços de referência – retalho

Preços em \$R

Categoria do produto	Origem	Peso (g)	Supermercado			
			Casa Santa Luzia	Pão de Açúcar	Sonda Delivery	Comper
Atum sólido em azeite	Brasil	170	10,90	10,5		
	Portugal	120	13,40			
	Itália	160	20,60			
Atum sólido ao natural	Brasil	170	7,95		8,05	11,99
	Portugal	120	12,10 a 12,70			
Atum sólido em óleo	Brasil	170		7,35	8,05 a 9,62	11,99
Atum em pedaços light	Brasil	110		6,59 - 7,35		
Atum em pedaços em óleo	Brasil	170		6,59	6,60 a 8,60	9,75
	Portugal	120	17,30			
Atum ralado	Brasil	170		4,79	4,58 a 5,92	5,19 a 6,19
Sardinha em azeite	Portugal	120	8,00 a 9,80			
Sardinha em óleo	Brasil	125	4,10	3,19 a 3,39		3,79
	Portugal	120	8,60	5,55		
Sardinha natural	Portugal	120	8,60			
Sardinha em molho de tomate	Brasil	125		3,39	3,35 a 3,57	3,79

Fonte: Sites dos supermercados (consulta realizada em 13 de outubro 2016)

#### Notas:

- Taxa de câmbio média de 2015: 1€=3,7004R\$, Fonte: Banco de Portugal

-Através dos links [Casa Santa Luzia](#), [Pão de Açúcar](#), [Sonda Supermercados](#) e [Comper](#) terá acesso ao catálogo e à informação sobre marcas disponíveis em cada momento.

Destaca-se, seguidamente, a lista das principais **cadeias de supermercados** presentes no mercado:

[Angeloni](#)  
[Atakarejo](#)  
[Bonanza Supermercados](#)  
[Carrefour](#)  
[Carvalho e Fernandes](#)  
[Casa Avenida](#)  
[Ceconsud](#)  
[Comercial Oswaldo Cruz](#)  
[Comercial Zaragoza](#)  
[Companhia Beal Alimentos](#)  
[Companhia Sulamericana](#)  
[Comper](#)  
[Condor Super Center](#)

[Coop](#)  
[Covabra Supermercados](#)  
[D'Avó Supermercados](#)  
[DBsupermercados](#)  
[DMA Distribuidoras](#)  
[Empresa Baiana de Alimentos](#)  
[Enxuto Supermercados](#)  
[Extrabom Supermercados](#)  
[Formosa Supermercados](#)  
[Giassi & Cia](#)  
[Grupo Pão de Açúcar](#)  
[Hortigil](#)  
[Intercontinental Com. de Alimentos](#)  
[Irmãos Muffato](#)  
[Latuf Cury e Rocha](#)  
[Líder Comércio e Indústria](#)  
[Mercado Torre e Jacarepaguá](#)  
[Multi Formato Distribuidora](#)  
[Nazaré Comércio de Alimentos](#)  
[Organização Verdemar](#)  
[Rede](#)  
[Rede Confiança de Supermercados](#)  
[Savegnago](#)  
[Sonda Supermercados](#)  
[Supermercado Bahamas](#)  
[Supermercado da Família](#)  
[Supermercado Nordesteão](#)  
[Supermercado Zona Sul](#)  
[Supermercados BH](#)  
[Supermercados Imperatriz](#)  
[Supermercados Irmãos Lopes](#)  
[Supermercados Vianense](#)  
[Unidasul Distribuidora Alimentícia](#)  
[Walmart](#)  
[Y. Yamada](#)  
[Zaffari](#)

#### **Feiras e eventos setoriais**

##### [Food Ingredients South America](#)

22-24.08.2017, Transamerica Expo Center, São Paulo

[16ª FESUPER](#) – Feira de Supermercados de Alagoas: Distribuidores e Panificadores, Produtos, Equipamentos e Serviços  
11-12-10.2016, Centro Cultural e de Exposição Ruth Cardoso, Maceió

##### [XIII FENACAM](#) – Feira Nacional do camarão

21-24.11.2016, Centro de eventos do Ceará, Fortaleza, Ceará

##### [30º Congresso e Feira Supermercadista e da Panificação](#)

18-20.10.2016, Expominas, Belo Horizonte

##### [29º Super Rio Expofood](#)

21-23.03.2017, Riocentro, Rio de Janeiro

##### [Feira APAS](#)

Realização anual, Expo Center Norte, São Paulo, maio de 2017

##### [Feira SIAL Brazil](#)

Realização anual, Expo Center Norte, São Paulo



## Revistas especializadas

[Seafood Brasil](#)

## Entidades relacionadas com o setor

- Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação ([ABIA](#))
- Associação Brasileira das Indústrias de Pesca ([Abipesca](#))
- Departamento de Defesa Agropecuária ([DDA](#))
- Departamento de Pesca e Aquicultura da [FAO](#)
- Secretaria de Estado da Pesca e Aquicultura ([SEPAq](#))
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas ([SEBRAE](#))
- Sindicato da Indústria de Doces e Conservas Alimentícias ([SIDOCAL](#))

## Estudos de mercado

[Fish and Seafood Market in Brazil: Business Report 2016](#). Merchant Research and Consulting Ltd; 70 páginas; 1 248€.

[Fish & Seafood in Brazil](#). 2016, MarketLine; 32 páginas, 280€.

[Processed Meat and Seafood in Brazil](#). 2015, Euromonitor International; 35 páginas, 800€.

[The Sleeping Aquaculture Superpower](#). 2016, FAR - Food & Agribusiness Research and Advisory

## Outra informação económica sobre o Mercado

[Brasil – Síntese País](#)

[Brasil - Ficha de Mercado](#)

[Brasil - Guia prático de acesso ao mercado](#)

[Brasil - Oportunidades e dificuldades do mercado](#)

[Brasil - Análise de Exposição das Empresas Portuguesas Exportadoras de Bens Agroalimentares \(2010-2014\)](#)